

Vera M. Pallamin

PRAÇA ROSA-DOS-VENTOS NO PARQUE DO IBIRAPUERA (SP)

OIO

pós-



Figura 1: Praça Rosa-dos-Ventos
Foto: Márcio Rodrigues Luiz

(1) Essa iniciativa foi propiciada pelo estabelecimento de um convênio entre a Fundação Vitae de Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social e a prefeitura (Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente / EMA e Planetário), por meio do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG-USP) e a Fundação de Apoio à USP (FUSP). Nesse projeto de Modernização da EMA destacamos o nome do astrônomo e professor Oscar T. Matsuura, então diretor do Planetário, idealizador cultural do empreendimento como um todo, no qual se insere a Rosa-dos-Ventos.

No dia 25 de janeiro de 2009, ano da comemoração dos 455 anos da cidade de São Paulo, foi aberta ao público do Parque do Ibirapuera a praça Rosa-dos-Ventos, situada próxima ao lago, em frente do Planetário e da Escola Municipal de Astrofísica (EMA). Sua realização é parte integrante do Projeto Modernização da Escola Municipal de Astrofísica, no qual se inclui a utilização de novos equipamentos e dispositivos voltados para o ensino e a divulgação da astronomia e ciências afins¹. Localizada no antigo heliponto Demoiselle (1972, desativado há vários anos), a pequena praça foi configurada de modo a dar suporte a atividades de professores e monitores da EMA, favorecendo-lhes o emprego do espaço livre como meio pedagógico.

O projeto, realizado como trabalho de extensão universitária à comunidade, é de autoria da professora Vera M. Pallamin e do arquiteto Márcio Rodrigues Luiz, e dá seqüência à colaboração de ambos com o Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG-USP), iniciada com a concepção da “Alameda do Sistema Solar”, implantada no Parque de Ciência e Tecnologia da USP, situado no Parque Estadual das Fontes do Ipiranga (Cientec-USP).



Figura 2: Setas direcionais e padrões arqueológicos tupis
Foto: Márcio Rodrigues Luiz

(2) SILVA, Sérgio Baptista da. *Etnoarqueologia dos grafismos caigang. Um modelo para a compreensão das sociedades proto-jê meridionais*. Tese de doutorado, MAE, 2001, p. 235.

O diferencial trabalhado na concepção projetual da praça Rosa-dos-Ventos consiste na iniciativa de aliar-se as informações que são características das direções cardeais, a uma reverência cultural aos povos tupi-guaranis que habitaram a região de São Paulo, dos quais provém o nome “Ibirapuera”: *y-pi-ra-ouê-ra* significa “pau podre ou árvore apodrecida”; *ibirá*, árvore e *puera*, o que já foi. Mediante consultas a antropólogos do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE), obteve-se orientação e acesso a registros documentais² sobre padrões visuais arqueológicos dessa cultura, os quais foram trabalhados de modo a demarcar o centro e o coroamento dos limites da praça. São eles: *ipará rysy ñovaiti*, *ipará yvotyty* (imagem do lugar onde se planta a flor) e *ipará Karé i* (imagem do jabuti). Na articulação entre esses padrões tupi e as direções cardeais procurou-se compatibilizar, tanto formal como cromaticamente, a integração e o contraste entre ambos, reforçando-se a dinâmica da modulação genuína dos tipos indígenas e a circularidade original do espaço.



Figura 3: Conjunto formado pelo Planetário, Escola Municipal de Astrofísica e Rosa-dos-Ventos
Fonte: Google Earth, 2009

(3) O projeto de recuperação e restauro do Planetário é de autoria do escritório Paulo Faccia e Pedro Dias Arquitetura, e, o da EMA, do arquiteto Edson Elito. O término dos trabalhos na EMA foi concomitante à inauguração da praça Rosa-dos-Ventos.

Como um ponto de encontro amplamente acessível, a Rosa-dos-Ventos se disponibiliza como um recurso estético e paisagístico incorporando-se ao acervo cultural e patrimonial do Parque do Ibirapuera, o qual é tombado pelo Conselho Municipal de Tombamento e Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat). Integra-se, ao conjunto arquitetônico formado pelo Planetário e EMA, dois edifícios exemplares da arquitetura moderna brasileira concebidos por Eduardo Corona (1921-2001), Roberto José Goulart Tibau (1924-2003) e Antonio Carlos de Moraes Pitombo (1921-1980), ambos restaurados³. A partir do piso superior da EMA, no patamar da biblioteca e sua área aberta frontal, abre-se uma perspectiva próxima e convidativa à praça, reforçando-se a correlação entre esses espaços.

Figura 4: Padrões indígenas no centro e coroamento da Rosa-dos-Ventos
Fotos: Márcio Rodrigues Luiz



(4) Conduzida pela empresa INLOCO Projetos Artísticos e Construções Ltda.

A construção da Rosa-dos-Ventos⁴ demandou um minucioso trabalho executivo, de modo a compatibilizar o potencial do material cerâmico utilizado à plasticidade e precisão exigidas pela figuração e suas especificidades cromáticas. Trinta e duas setas indicam as principais direções no lugar, nelas destacando-se as orientações cardeais, colaterais e subcolaterais. Todas foram demarcadas no local pelos astrônomos do Planetário André Luis da Silva (atual diretor) e Irineu Gomes Varela, empregando-se o método dos deslocamentos do sol para a determinação da direção Norte-Sul.

As formas referentes aos padrões indígenas foram organizadas em 92 módulos em preto e branco, 65 módulos em vermelho e branco, e 20 módulos em trama paralela, no núcleo. A cor da argamassa acompanha aquela das pastilhas, tendo sido utilizados moldes e máscaras para se obter o devido delineamento em relação aos distintos formatos.

Os módulos que compõem as duas faixas do coroamento foram montados compatibilizando-se o sentido circular e o radial em sua disposição, de modo que sua geometria – com juntas mais estreitas na base e mais espaçadas no lado superior – permitisse o fechamento exato do conjunto no perímetro da área. Sua colocação demandou um controle milimétrico das juntas. No centro da praça há um ponto negro, como marco de posicionamento para um quadrante móvel (dispositivo utilizado para a medição da altura de astros e objetos da paisagem). Quatro bancos foram fixados no limite tangencial à praça, favorecendo a apreciação do lago e sua paisagem. Seu entorno imediato e o desnível do piso em relação ao lago foram suavizados com um talude gramado, executado pela administração do parque. No arredor houve um trabalho de recuperação da vegetação e extensão do plantio de agapanto, realizado sob a responsabilidade do engenheiro Agrônomo Heraldo Guiaro, atual diretor do parque.



Figura 5: Praça Rosa dos Ventos
Foto: Márcio Rodrigues Luiz

Ao uso cotidiano da praça têm se congregado outras atividades do Parque do Ibirapuera, como shows musicais e apresentações afins. É o lugar onde o Planetário tem realizado seu programa chamado “Banho de Lua”, em que há observações de alguns fenômenos celestes, com o auxílio de equipamentos portáteis. Consolida-se, desse modo, o caráter público desse espaço, que traz, em seu âmago, um intento didático aliado a uma deferência histórica.

Vera M. Pallamin

Graduada em Arquitetura e Urbanismo, mestre e doutora pela FAUUSP, e graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Conduziu pesquisas de pós-doutorado na University of California, Berkeley (Estados Unidos) e na Università degli Studi di Firenze (Itália), voltadas para a relação entre arte e esfera pública. É docente da FAUUSP atuando nos cursos de graduação e pós-graduação, orientando pesquisas de mestrado e doutorado. Conta com experiência na área de arquitetura e urbanismo, atuando, principalmente, nos seguintes temas: arte urbana, cidade contemporânea, cultura e espaços públicos, cidade e cultura.

FAUUSP

Rua do Lago, 876. Cidade Universitária, Butantã

05508-900 – São Paulo, SP

(11)3091-4564/4571

vmpallam@usp.br